

PESCADORAS DE QUISSAMÃ/RJ: ENTRE AS NEGOCIAÇÕES COM OS HOMENS E A FÉ EM DEUS

FISHERWOMEN FROM QUISSAMÃ: DEALING WITH MEN AND PUTTING THE LIFE IN GOD'S HANDS

Luceni Hellebrandt¹

Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes²

Silvia Alicia Martinez³

RESUMO

Este texto aborda a questão da invisibilidade das mulheres no universo pesqueiro a partir de pesquisa realizada com 10 mulheres envolvidas com a atividade pesqueira artesanal no município de Quissamã, no Norte Fluminense. A pesquisa ocorreu em um projeto maior, denominado “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas”, que intencionou identificar conflitos socioambientais vivenciados pelas mulheres de comunidades pesqueiras. Como resultados, apresentamos dados de caracterização da atividade pesqueira de pequena escala no município e percebemos elementos que permeiam os conflitos identificados, mas possibilitam a permanência na pesca, como a negociação e a fé. Destacamos os impactos no território pesqueiro, advindos de diferentes interesses econômicos de exploração da região, refletindo na escassez de pescado, as necessárias negociações com fazendeiros para o acesso aos ambientes de pesca e a fé em Deus para sobreviver aos ventos fortes e à insegurança alimentar.

PALAVRAS-CHAVE: gênero e pesca; mulheres na atividade pesqueira artesanal; pesca artesanal de Quissamã.

¹ Cientista Social pela UFPel, Mestre em Gerenciamento Costeiro pela FURG e Doutora em Ciências Humanas pela UFSC. Desenvolve pesquisas sobre gênero e pesca desde 2012, destacando o estágio pós-doutoral no projeto “Mulheres na Pesca”, desenvolvido no PPGPS/UENF entre 2017 e 2019. Atualmente em estágio pós-doutoral no PPGAnt/UFPel. E-mail: luceni.hellebrandt@gmail.com.

² Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF (2017; 2019). Educadora Socioambiental do Projeto Pescarte. E-mail: deiseminha@yahoo.com.br.

³ Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mestre e Doutora em Educação pela PUC-Rio (1993; 2000), com Estágio de Pós-Doutoramento na Universidade de Lisboa. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais. E-mail: silvia-martinez@hotmail.com; silviam@uenf.br.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

ABSTRACT

This text addresses the issue of invisibility of women in the fishing universe based on interviews carried out with 10 women involved in artisanal fishing activities in the municipality of Quissamã in the North of the State of Rio de Janeiro. The research took place in a larger research project, called “Women in the fishing: map of socio-environmental conflicts in cities from the North Fluminense and Baixadas Litorâneas”, which aimed to identify socio-environmental conflicts experienced by women from fishing communities. As a result, we present data on the characterization of the small-scale fishing activity in the municipality and point out elements that permeate the identified conflicts, but allow them to stay in the fishing, such as negotiation and faith. We highlight the impacts on the fishing territory, arising from different economic interests of exploitation in the region, resulting on the scarcity of fish, and the necessity of negotiation with farmers for accessing the fishing environments, as well as the faith in God to survive strong winds and food insecurity.

KEYWORDS: gender and fishery; women in the artisanal fishing activity; artisanal fishery in Quissamã.

INTRODUÇÃO

No ano de 2016 a rede TBTI – Too Big To Ignore publicou um relatório sobre o estado das pescarias de pequena escala no mundo, destacando como uma de suas conclusões o fato de que mesmo as pesquisas com abordagem sociocultural sobre a pesca raramente consideram questões de gênero para suas análises (ROCKLIN, 2016). A constatação de tal relatório reflete a forma como a gestão pesqueira é orientada para administrar os recursos pesqueiros, com políticas voltadas à manutenção dos estoques, focadas sobretudo no setor de captura (PAIVA, 2014), onde a presença majoritária é de homens. Segundo levantamentos da FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations, embora as mulheres atuem na captura de pescados, sobretudo nas pescarias de águas interiores ou em ambientes próximos às casas, elas estão em menor número que os homens. Uma estimativa global é de que 12% das pessoas que atuam diretamente na captura são mulheres (FAO, 2020).

Dado este contexto, muitas das pesquisas em comunidades pesqueiras voltam seu olhar somente ao setor da captura, partindo da errônea interpretação de que a pesca é uma atividade de homens, sem considerar a importância das mulheres para a dinâmica das comunidades e da atividade pesqueira. No começo da década de 1990, Ellen

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Woortmann já atentava à forma como olhamos pela metade para este universo e explicava que “o próprio discurso acadêmico relega ao silêncio o ponto de vista feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo” (WOORTMANN, 1992, p. 44). Neste sentido, Edna Alencar também destacou que “muito da ‘invisibilidade’ da mulher em atividade de pesca decorre da ótica do pesquisador na construção etnográfica e interpretativa do seu objeto de estudo” (ALENCAR, 1993, p. 66).

Algumas décadas passadas, a questão da invisibilidade das mulheres no universo pesqueiro permanece uma pauta para quem pesquisa as relações entre gênero e pesca (HELLEBRANDT, 2019). Elizabeth Bennet (2005) destaca que há pelo menos três fatores que contribuem para esta invisibilidade: o foco da gestão pesqueira ser na captura do recurso pesqueiro, dando pouca importância às demais etapas da cadeia produtiva da pesca artesanal, nas quais as mulheres estão mais presentes; dados de estatística pesqueira não desagregados por sexo, ou seja, uma única categoria “pescador” que não identifica quantas são as mulheres neste universo; e pesquisas *gender-blind*, nas quais pesquisadores frequentemente ignoram o conhecimento das mulheres a respeito da pesca, deixando de incluí-las, ou buscam uma confirmação entre os homens para validar as falas das mulheres. Este terceiro fator corrobora o achado de Alencar (1993) já citado e é neste sentido que o texto aqui apresentado⁴ busca contribuir aos estudos sobre gênero e pesca, abordando aspectos do cotidiano de mulheres pescadoras de Quissamã, no Norte Fluminense. Estes aspectos serão apresentados a partir de reflexões sobre observações do campo de pesquisa, dialogando com dados quantitativos e literatura sobre a região de estudo. Esta conversa entre campo, dados prévios e bibliografia desenha um caminho explicativo do cotidiano de mulheres que têm como modo de vida a pesca artesanal e as negociações necessárias para que resistam e permaneçam nesta atividade.

Na primeira parte do texto, descrevemos o projeto de pesquisa que possibilitou estas reflexões, a caracterização da pesca artesanal em duas comunidades pesqueiras do

⁴ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada para discussão no Grupo de Trabalho “Antropologia Marítimo-Costeira: enfoques teóricos-metodológicos em contextos Sul-Americanos”, durante a XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, entre os dias 22 e 25 de julho de 2019.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

município de Quissamã, RJ, e os conflitos socioambientais identificados no município. Na sequência, apresentamos as interlocutoras da pesquisa e destacamos as negociações para a permanência destas mulheres na pesca: por um lado, negociações que permeiam as relações de gênero no universo pesqueiro de Quissamã, por outro, apontamentos sobre a fé das interlocutoras e a relação com Deus, que permitem a elas a sobrevivência em meio a condições adversas.

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL DE QUISSAMÃ A PARTIR DO PROJETO “MULHERES NA PESCA”

O projeto de pesquisa “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas”⁵ foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGPS/UENF), abrangendo sete municípios da região: Arraial do Cabo, Cabo Frio, Macaé, Campos dos Goytacazes, São João da Barra, São Francisco de Itabapoana e Quissamã.

A pesquisa foi iniciada em abril de 2017, contemplada no Edital “Pesquisa Marinha” do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO), instituição responsável pela gestão financeira dos recursos oriundos de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre a empresa Chevron Brasil e o Ministério Público Federal, Agência Nacional de Petróleo e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (FUNBIO, 2017). O TAC, por sua vez, foi a resposta da gestão ambiental pública no licenciamento de petróleo e gás aos vazamentos de óleo no Campo de Frade, Bacia de Campos/RJ, ocorridos em novembro de 2011 e março de 2012. A Chevron Brasil foi uma das empresas responsáveis pelo derramamento, impactando o ambiente e, conseqüentemente, as populações que dele dependem para sobrevivência. Como observa Herculano (2012), as populações cujo modo de vida é atrelado à atividade

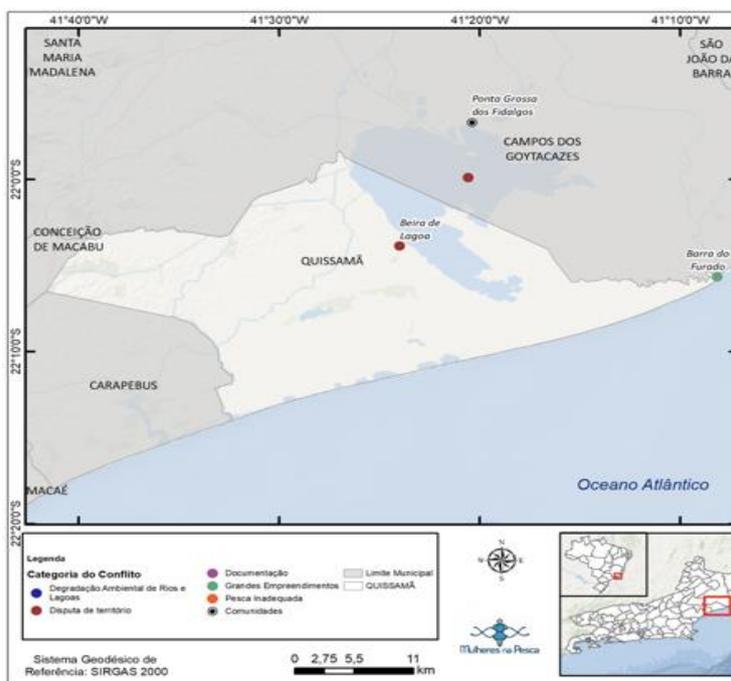
⁵ “A realização do projeto Mulheres na Pesca é uma medida compensatória pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa Chevron, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF / RJ, com implementação do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio”.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

pesqueira artesanal são as mais vulneráveis aos impactos produzidos pela indústria de petróleo e gás natural.

O município de Quissamã desmembrou-se de Macaé e emancipou-se em 1989. Possui um único distrito sede, que ocupa uma área total de 712,9 quilômetros quadrados, faz limite ao norte, com Campos dos Goytacazes, ao oeste com Conceição de Macabu, ao sul, com Carapebus e a leste com o Oceano Atlântico. Em 2010 a população estimada deste município correspondia a 20.242 habitantes, com uma proporção de 98,5 homens para cada 100 mulheres com densidade demográfica de 28,4 habitantes por quilômetro quadrado. A população estimada em 2018 correspondia a 24.240 habitantes (IBGE, 2010). Dado o contexto de pesquisa do projeto “Mulheres na pesca”, as investigações em Quissamã buscaram identificar como os conflitos socioambientais afetam as atividades pesqueiras neste município, observando estes conflitos através de lentes de gênero. Identificamos dois principais conflitos, nas comunidades de Barra do Furado e Beira de Lagoa (Figura 1).

Figura 1: Localização das comunidades pesqueiras Barra do Furado e Beira de Lagoa, em Quissamã, RJ, e dos conflitos socioambientais identificados na pesquisa



Fonte: Projeto “Mulheres na Pesca”

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Na imagem, Quissamã está em destaque, indicando os municípios limítrofes, o Oceano Atlântico e os pontos georreferenciados no projeto “Mulheres na pesca” com a localização das comunidades descritas neste texto. Para a comunidade de Barra do Furado, adotamos um ponto verde, e para a comunidade de Beira de Lagoa, um ponto vermelho. Esta simbologia de cores foi utilizada no projeto “Mulheres na pesca” para classificação de diferentes categorias de conflitos, relacionadas no quadro “Legenda” no canto inferior esquerdo da imagem⁶.

A atividade pesqueira artesanal em Barra do Furado

Barra do Furado é uma comunidade pesqueira distante 38 km do centro de Quissamã. Localizada à beira do Oceano Atlântico, a pesca acontece tanto em ambiente marítimo, como em águas interiores de rios e manguezais. No estudo realizado pelo Projeto de Educação Ambiental Pescarte em 2015, foram identificados 238 moradores da comunidade envolvidos na atividade pesqueira (PESCARTE, 2016).

Durante a pesquisa com as interlocutoras identificamos que as mulheres da comunidade atuam na captura somente nos ambientes de águas interiores, utilizando diversas artes de pesca, entre as quais relataram o uso de métodos ativos, como tarrafa, tanto para pesca desembarcada, quanto para uso dentro das canoas, pesca de linha, pesca de arrasto e puçá, a catação de caranguejos com a mão e, ainda, armadilhas como gaiolas. Além destas, relataram também a “pesca de buraco”, atividade lúdica praticada quando eram crianças e que consistia em aguardar a maré encher, trazendo o peixe em locais mais rasos e com tocas (buracos), nos quais os peixes ficavam presos, de forma que pudessem ser capturados com a mão.

Além da captura, as interlocutoras se envolvem nas outras etapas da atividade pesqueira e processam pescados tanto de água salgada, quanto de água doce. Relataram, como espécies que costumam processar: Camarão sete barbas (pesca marítima); Pescadinha; Robalo; Camarão pitu; Xerelet; Salema; Tainha – tainha paraty; Anchova;

⁶ A descrição conceitual das Categorias de Conflitos identificadas pelo projeto “Mulheres na pesca”, tanto as destacadas aqui – “Grandes Empreendimentos” – ponto verde, e “Disputa de território” – ponto vermelho, como as demais, pode ser conferida em Martinez et al (2021 - no prelo).

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Sarda; Cação; Peroá; Pargo; Peixe batata; Olho de cão; Tilápia; Traíra; Corvina, Acará; Linguado; Carateba; Bagre-Urutur; Lagosta; e a Manjuba, que destacaram “não se encontrar mais”. O desaparecimento desta espécie e da atividade lúdica de “pesca de buraco” despertaram nossa atenção, pois guardam relação com o que identificamos, no projeto “Mulheres na pesca”, como um conflito ao qual nomeamos de “Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado” (HELLEBRANDT, 2019a)⁷.

A partir dos relatos das interlocutoras e da revisão bibliográfica que realizamos no projeto, destacamos que este conflito está atrelado aos ciclos de desenvolvimento econômico da região, inicialmente motivado pela indústria sucroalcooleira e, a partir da década de 1980, com o descobrimento de petróleo na Bacia de Campos (CRIBB; CRIBB, 2008). O incentivo ao desenvolvimento destas atividades econômicas motivou alterações no território pesqueiro, pois modificou os ambientes aquáticos dos quais a população pesqueira depende.

À época auge da produção nas fazendas de cana de açúcar, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) – atualmente extinto – realizou várias obras de mudança de curso de corpos hídricos, incluindo a instalação de comportas para o controle das trocas entre água doce e água salgada, favorecendo, sobretudo, os donos das fazendas em detrimento da atividade pesqueira (VALPASSOS, 2003; CARNEIRO, 2004; SOFFIATI, 2005). Depois, em função da indústria de petróleo e gás, iniciou-se o projeto de construção de um estaleiro naval em Barra do Furado, denominado de Complexo Logístico Naval Farol-Barra do Furado. As obras do complexo iniciaram em 2010, prometendo gerar em torno de 15 mil empregos para a região, o que não aconteceu (RODRIGUES; LEMOS, 2011). Ao invés dos empregos, a população de Barra do Furado vivenciou a movimentação constante de caminhões e as etapas de perfuração para a obra, deixando como saldo rachaduras nas casas, que nunca foram indenizadas pelas empresas responsáveis (HELLEBRANDT, 2019a).

Assim, a pesca artesanal em Barra do Furado pode ser caracterizada a partir da relação conflituosa com as indústrias sucroalcooleira e do petróleo, atividades

⁷ O projeto “Mulheres na pesca” propõe um mapeamento de conflitos socioambientais e, para cada conflito identificado, foi gerada uma ficha de caracterização. A ficha do conflito “Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado”, bem como as fichas dos outros conflitos, pode ser conferida na íntegra na página do projeto: <http://mulheresnapesca.uenf.br>.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

econômicas privilegiadas pelo poder público local, que levaram à alteração do território pesqueiro da comunidade. Em síntese, algumas consequências destas alterações são:

- Diminuição da pesca em geral, dificultando o acesso a antigos pesqueiros e assoreando canais;
- Os empreendimentos que se instalaram (frigorífico, cais, estaleiro) modificaram a paisagem ao fazerem dragagens sem planejamento, arrancando a vegetação e aterrando pesqueiros;
- Fim da “pesca de buraco” (os buracos foram aterrados) – atividade que era desenvolvida por crianças, de forma recreativa, mas marcava uma forma de transmissão de conhecimento e valorização da cultura pesqueira artesanal (HELLEBRANDT, 2019a, s.p.).

A atividade pesqueira artesanal em Beira de Lagoa

Beira de Lagoa é uma comunidade distante 15 km do centro de Quissamã e fica às margens de Lagoa Feia, a segunda maior lagoa de água doce do Brasil. Esta lagoa é localizada parte no município de Campos dos Goytacazes e parte no município de Quissamã, com diversas comunidades pesqueiras em seu entorno, em ambos os municípios. Em estudo de 2015, foram identificados 51 moradores da comunidade envolvidos na atividade pesqueira (PESCARTE, 2016). As mulheres que pescam nesta comunidade, interlocutoras no projeto “Mulheres na pesca”, relataram que as artes de pesca utilizadas são rede de espera e anzol de boia, e usam barcos a remo ou com motor para capturar Bagre, Traíra, Cumatan, Piaba, Corvina, Robalo, Acará e Tilápia.

No decorrer do trabalho de campo do projeto, identificamos um conflito que denominamos de “Cercamento da Lagoa”, que, assim como o conflito relatado anteriormente, consiste em diferentes interesses econômicos permeados pela disputa de poder desigual entre atores que se relacionam de forma diferenciada com a água. A comunidade pesqueira de Beira da Lagoa, assim como a de Barra do Furado, sofreu consequências das obras empreendidas pelo DNOS:

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Com o início da atuação do DNOS na região, o ecossistema da Lagoa Feia sofreu as maiores alterações de sua história. Pântanos foram aterrados, lagoas drenadas e rios retificados. A abertura do Canal das Flechas “rebaixou o valor médio das cotas máximas dos níveis de água da lagoa em cerca de 80 cm e também o das cotas médias mínimas em torno de 90 cm”. A diminuição destes valores representou uma enorme perda da área lacustre, pois com a redução de seu volume as águas recuaram, deixando secas grandes extensões de terra. A desobstrução de rios e canais, além de afetar a fauna e flora, teve outra importante consequência: o assoreamento da Lagoa, pois o material retirado dos rios acabava por ser depositado em seu interior (VALPASSOS, 2003, p. 9-10).

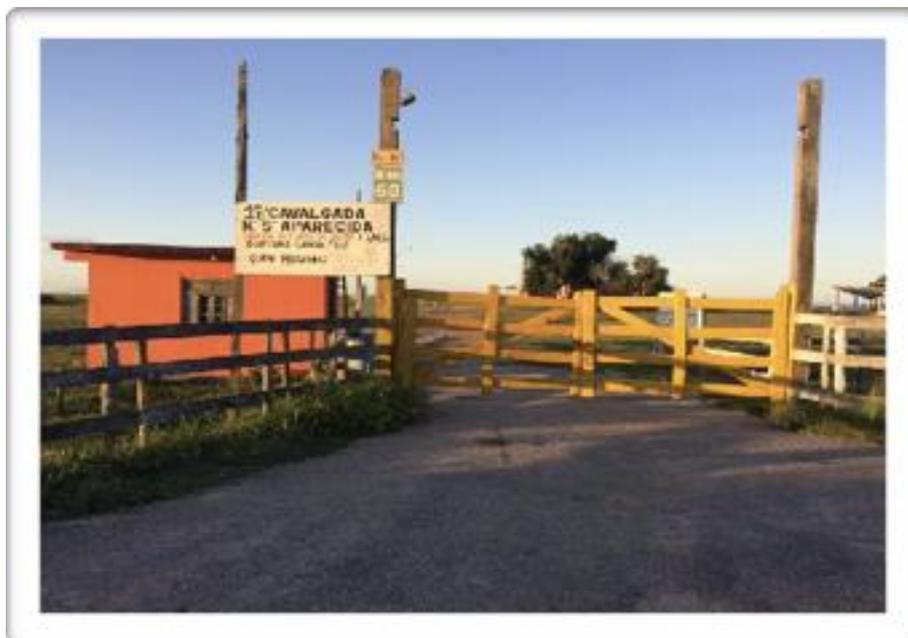
A atuação do DNOS, alterando o desenho natural da Lagoa Feia, favoreceu os fazendeiros do entorno da lagoa, que ampliavam a extensão de suas propriedades lagoa a dentro, ao construir diques para impedir o alagamento de suas plantações e aterrando outras áreas alagadiças (VALPASSOS, 2003). Este conjunto de ações, orquestradas pelo DNOS e aproveitadas pelos fazendeiros, diminuiu o espelho d’água e modificou o ambiente aquático, causando impactos na atividade pesqueira. Além disso, o controle sobre o território da Lagoa Feia por parte de fazendeiros atinge as pessoas da comunidade também através da forma de barreira física, pois as fazendas no entorno da Lagoa possuem cercas com fios de alta tensão, impedindo o acesso da população à Lagoa (HELLEBRANDT, 2019b), conforme pode ser visto na Figura 2.

Desta forma, a pesca artesanal em Beira de Lagoa possui também como característica a relação conflituosa entre pessoas que desenvolvem a atividade pesqueira e proprietários rurais, por diversas formas de controle do território, inclusive a de uma barreira física com risco (de choque ou “bala”) para quem a ultrapassa sem permissão.

A Figura 2 corresponde à propriedade de um dos fazendeiros do município. Ele possui uma das maiores concentrações de terra no entorno da Lagoa Feia, localizada na estrada que liga Barra do Furado ao Centro Urbano de Quissamã. O acesso de pescadoras(es) e da população à lagoa é monitorado. Na entrada da propriedade tem um informe com dias e horários disponíveis para acesso e uso, sendo que um funcionário toma conta do local para garantir que não haja descumprimento das regras impostas.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Figura 2: Propriedade rural cercando e impedindo o acesso à lagoa em Beira de Lagoa



Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras

As entrevistadas que residem na Beira da Lagoa relataram que algumas pessoas possuem a chave para abrir o cadeado que fica na porteira e ter acesso à Lagoa, mas que para possuir esta chave há um processo de negociação e conquista da confiança do proprietário da fazenda. Podemos perceber em seus relatos que a naturalização dessa situação demonstra também uma aceitação passiva da mesma. Quando provocadas a refletir sobre a apropriação indevida do entorno da Lagoa, as entrevistadas relatam que a situação é recorrente e acontece há muitos anos e, assim como elas, os demais moradores da comunidade preferem não confrontar os fazendeiros, por medo de sofrerem algum tipo de violência, tendo em vista o poder e influência local que os mesmos exercem.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

AS INTERLOCUTORAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ATIVIDADE PESQUEIRA ARTESANAL DE QUISSAMÃ

Entrevistamos 10 mulheres sobre a atividade pesqueira artesanal em Quissamã. Cronologicamente, nossa primeira entrevistada apresenta-se para interlocução também como coautora deste artigo e membro da equipe de pesquisa do projeto “Mulheres na pesca”. A interlocutora já havia atuado com as comunidades pesqueiras da região em um projeto de educação ambiental, de forma que sua experiência prévia foi essencial para conhecermos o contexto da pesca em Quissamã, bem como para acessar as comunidades pesqueiras e as outras 9 interlocutoras, que apresentamos nas próximas linhas.

Rose é presidente da Colônia de Pescadores Z-27 e em nossa conversa explicou que a entidade foi inaugurada em 12 de agosto de 2009, em substituição à capatazia atrelada à Colônia de Pescadores do município de Macaé. Rose tornou-se presidente da Colônia na primeira eleição e, quando nossa entrevista aconteceu, estava no terceiro mandato consecutivo. As eleições ocorrem a cada 3 anos e têm direito a voto somente pescadores cadastrados e com a mensalidade em dia, o que, segundo os arquivos da Colônia, totalizavam 147 pescadores homens e 14 mulheres – todas pescadoras de águas interiores. Rose enfatizou o apoio que recebe, principalmente de pescadores marítimos, destacando que somente na última eleição constituiu-se uma chapa de oposição ao seu mandato e que o candidato concorrente, após perder a disputa, entrou na justiça, alegando fraude no processo eleitoral. Rose recorreu judicialmente, o caso chegou ao Fórum mas, por falta de provas, o concorrente desistiu do caso. Relatou também os esforços de pessoas da Prefeitura do município para enfraquecer seu mandato e retirá-la do cargo, mas sem sucesso pois, reforça, os pescadores defendem muito sua permanência na presidência da Colônia. Considerando o quantitativo de associados, a ênfase relatada por Rose sobre o apoio recebido pelos pescadores marítimos, e o acompanhamento das ações da gestão da Colônia, percebemos, porém, a ausência de ações para o reconhecimento legal das mulheres que atuam na cadeia produtiva da pesca e que não há uma estratégia para inserção delas nos espaços de poder e tomada de decisão.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Neste cenário de pouco ou nenhum reconhecimento legal enquanto trabalhadoras, nossas outras 8 interlocutoras são pescadoras e trabalhadoras da pesca, como a FAO vem denominando a partir do lançamento das “Diretrizes Voluntárias para Garantir a Pesca de Pequena Escala Sustentável no Contexto da Segurança Alimentar e Erradicação da Pobreza” (FAO, 2015): Luciana, Tia Lu, Rosânia, Zélia, Marília, Roseni, Leia e Dona Geralda. Com exceção de Luciana, todas as outras 7 atuam na captura.

Luciana participa somente das atividades de pós-captura da pesca artesanal, processando o pescado capturado por familiares e levando ao centro da cidade para entregar a clientes com quem estabeleceu relações ao longo dos anos em que desenvolve esta atividade. Começou em 1996, quando passou pela “*necessidade de visualizar no peixe uma renda, uma oportunidade de sair e vender*”, pois neste período, com 19 anos de idade, foi mãe pela segunda vez e necessitava de renda para sustento da família. Saía de Barra do Furado “*no ônibus de 7 horas da manhã e voltava no ônibus de 4 horas da tarde [pois] só tinha esses dois horários*”, para ir “*entregar a mercadoria*” a seus compradores, residentes no centro de Quissamã.

Tia Lu e Rosânia são irmãs em uma família de 7, sendo 6 mulheres e um homem. A maioria de filhas mulheres na família fez com que o pai as levasse para o acompanhar na atividade pesqueira, quando estavam por volta dos 10 anos de idade. A rotina de pesca na infância foi assim descrita por elas: “*não tinha hora para pescar, era a hora da maré. Tipo assim, 2 horas da manhã era a hora de dar o lance. Às vezes, era de madrugada, às vezes era de tarde, às vezes era muito tarde da noite. Não tinha assim, um horário pra gente sair*”. Independente das condições climáticas, pois “*chovendo ou não a gente tinha que ir pescar, não tinha esse negócio de tá chovendo a gente não vai. Tinha que ir*”. Também relembram o esforço de trabalho realizado: “*como na época não existia motor, era mais sacrificado porque era muito peso, era muita rede e a gente tinha que fazer o sacrifício de puxar a canoa com o pai da gente quando a correnteza ‘tava contra*”.

Zélia pesca com o filho: “*nós começamos juntos, eu e meu filho. Meu filho era até de menor. Ele estudava e depois na parte da tarde, nós ia pro brejo, pra lagoa*” e comenta a divisão de tarefas no barco: “*eu pegava no chumbo e meu filho na cortiça,*

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

entendeu? Que ele ficava mais na parte do remo, do motor” e suas rotinas de pesca, assim descrita: “nós soltava a rede, aí no outro dia ia colher. Tirava tudo de novo. Limpava as redes, de tarde colocava de novo. Porque se não limpasse a rede, como é que pegava o peixe? E era assim todo dia”.

Marília, Roseni e Leia pescam com os companheiros. Marília explica que começou a pescar como profissão por influência do marido, mas que já era algo que gostava: *“meu marido começou a pescar, eu sempre gostei de pescar de vara, com pai e mãe, desde criança. Aí ele me chamou: vamo, filha, vamo pescar de vara? Eu falei: bora! Chegou lá botamo rede. E eu já gostava da bagunça. Então entrei nessa. Já tem mais de oito anos.”* Já Roseni e Leia pescavam juntas antes de passar a pescar com os companheiros, como explica Roseni: *“eu e Leia, a gente pescava sozinha, a gente pescava os brejo... ela tinha um barquinho pequeno, a gente pescava. Quando esse pessoal aí começou a pescar a gente já pescava há muito tempo”.* Hoje, com o companheiro Cidinho, Roseni reforça a importância da atividade para o sustento da família: *“a gente vive do peixe, tipo eu e ele, o trabalho que a gente tem é só do peixe, se pegar cê vai ter dinheiro, se não pegar cê não tem o dinheiro, é o único meio que a gente tem”.* E Leia, que hoje pesca com o companheiro, também prepara o pescado capturado pelo casal para vender no restaurante que montaram na rua principal de Beira de Lagoa. Assim descreve a rotina de pesca e restaurante, junto ao companheiro: *“Se for de ir sozinha eu vou mesmo mas só que ele gosta também de pescar. Vai nós dois, a gente pesca de segunda a quinta. A gente trabalha aqui também [no restaurante], as vezes chega alguém para almoçar na hora do almoço aí não tem como a gente ir”.*

Dona Geralda saiu do Ceará com três filhos pequenos, atrás do marido que tinha ido para Quissamã um pouco antes, tentar uma vida melhor. Descreveu assim as decepções que levaram à separação do marido e a sua entrada na pesca: *“ele ia para os forró tudo quando recebia o dinheiro dele, quando era no outro dia, ria falando que tinha tomado duas caixas de cerveja com mais fulano, mais fulano. Quando saía eu, ele e as crianças, a criança pede uma garrafa de água ele disse que não tem dinheiro, para comprar a garrafa de água para a criança. Aí eu digo: um dia eu vou sair dessa vida, um dia eu vou ser pescadora, vou dar as coisas para o meus filhos”.* Então começou a pescar.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

PERMANECENDO NA PESCA EM QUISSAMÃ – LIDAR COM HOMENS E O LUGAR DA FÉ

As entrevistas apontam as estruturas sociais que reforçam a manutenção da desvalorização do trabalho feminino. As entrevistadas carregam em suas falas a vivência e memória da exploração cotidiana. Elas lidam diariamente com a rotina do lar, cuidado com os filhos, com os doentes e não são remuneradas, o que, na maioria das vezes, as fazem trazer o trabalho remunerado, beneficiamento e processamento do pescado para dentro de suas casas, para dar conta de todas as atribuições que lhes são conferidas. Como discutido nos trabalhos de Alencar (1993); Maneschky, Siqueira e Alvares (2012); Leitão (2013); Hellebrandt, Rial e Leitão (2016); Hellebrandt (2017; 2018), o universo pesqueiro é socialmente e legalmente percebido como um ambiente masculino, no qual as mulheres são invisíveis. Neste contexto de ambiente masculino, ser mulher pescadora e trabalhadora da pesca exige uma constante negociação das relações.

No trecho abaixo, Tia Lu descreve mais sobre sua rotina de pesca e sobre o que significa ser mulher num ambiente masculino e lidar, inclusive com violências simbólicas:

Às vezes a gente chegava assim, 4 horas da manhã em casa, 3 horas da manhã em casa e quando fosse pra lá tinha que ir pra lá 3 horas da tarde, 4 horas da tarde pra que ninguém tomasse o nosso lugar. Pra mulher isso não era nada fácil. Ficar num lugar que só tem homens de madrugada tem que ter muita coragem também! Não só disposição, mas muita coragem também e não temer a nada! A gente pescava no meio de homens, homens que vinham sei lá de onde! E eles achavam que, como por a gente ser mulher, de repente era mais fácil tomar alguma coisa da gente. Ficava jogando conversa fiada, ficava fazendo xixi na frente da gente, aquelas coisas todas.

Dona Geralda também relatou como se dava sua rotina, enquanto mulher pescadora que trabalhava arduamente, mas que ainda assim é vista como alvo frágil para ser roubada:

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Eu pescava de domingo a domingo, era de domingo a domingo, não tinha esse negócio de hoje eu não vou na lagoa não. Era com chuva, trovoada, com relâmpago, de qualquer jeito eu tinha que está lá dentro, porque se o dia que eu não fosse acontecia de ter o peixe e estragar ou carregarem as minhas redes, entendeu?

Na rotina de pesca, a fé é elemento essencial. O local que os rituais religiosos ocupam no cotidiano da pesca também puderam ser observados enquanto estivemos em campo. Na entrevista com Leia, em Beira de Lagoa, a interlocutora relatou a promessa de seu pai, que se conseguisse criar os seis filhos com dinheiro da pesca, construiria uma igreja. E assim fez. Construiu a Igreja de Todos os Santos no quintal de casa (Figura 3) e uma vez por mês há uma celebração de missa para a comunidade.

Figura 3: Leia e sua mãe, na igreja construída pelo pai em Beira de Lagoa



Fonte: Acervo do projeto "Mulheres na Pesca"

Entre os ritos festivos da festa de São Pedro, em Barra do Furado, a procissão fluvial é o momento mais esperado pela comunidade. Cada embarcação fica responsável por carregar as imagens dos santos e os pescadores mais antigos carregam a imagem do Padroeiro. As mulheres ficam responsáveis pela ornamentação das embarcações. Anterior à partida dos barcos, faz-se um pequeno percurso a pé entre a igreja e o Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

atracadouro onde encontram-se os barcos. Carregar a imagem do Padroeiro neste trajeto também é um papel destinado aos homens pescadores (Figura 4), mas algumas mulheres conquistam o direito de carregar a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, quando são reconhecidas pela comunidade como “pescadoras de verdade” (Figura 5).

Figura 4: Pescadores marítimos de Barra do Furado carregam a imagem de São Pedro



Fonte: Acervo do projeto “Mulheres na Pesca”

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Figura 5: Pescadoras carregam a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a procissão fluvial



Fonte: Acervo do projeto “Mulheres na Pesca”

A festa de São Pedro é o momento de agradecer a fartura e pedir proteção. Segundo um antigo pescador da comunidade, o rito católico acontecia anualmente até o começo da década de 2000, com grande adesão da comunidade participando dos festejos, mas com a chegada das igrejas evangélicas (neopentecostais) muitos pescadores(as) se converteram e deixaram de participar da festa.

Assim, confiança e fé são essenciais para que as mulheres permaneçam na pesca em Quissamã. Além de negociações permeadas por relações de gênero para permanecerem na pesca, são constantes também as negociações nas relações conflituosas com outras atividades econômicas que passam a disputar território com as comunidades pesqueiras. O movimento necessário para conquistar a confiança dos fazendeiros, a fim de ter uma chave para acessar a Lagoa é tão importante quanto o lugar da fé. Confiança e fé são bases para permanecer na pesca em Quissamã. Implicam em negociar com os fazendeiros para poder pescar, e ter fé de que Deus irá garantir a pesca e o retorno seguro à casa.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Negociando com os homens – ultrapassando cercas para pescar

Para acessar a Lagoa Feia e poder pescar, nossas interlocutoras relatam que precisam negociar com o fazendeiro “dono” da propriedade que margeia a Lagoa. Precisam pedir passagem para não correrem o risco de choque elétrico nos arames eletrificados. Dona Geralda relata como o cercamento da Lagoa interfere na sua prática pesqueira e como uma negociação é necessária para evitar a desonra de ser acusada de ladra:

Para entrar nessa lagoa ninguém tem entrado nela, para passar dentro do que é dos fazendeiros que eles tomaram conta de tudo que aí pra gente não poder passar eles botam cadeado nas cercas, cerca elétrica. É maior sufoco para a gente poder entrar de madrugada na lagoa se quando panhava o peixe, tinha que levar aquelas coisas toda na cabeça, o maior sufoco pra a gente tirar um peixinho da lagoa. Os fazendeiros não deixam entrada para ninguém, depois fica acusando todo mundo de ladrão, não querem dar a chave para ninguém.

Leia demonstra em sua fala alguma naturalização deste processo:

Chegou na cancela passou [...] o pessoal já está acostumado já conhece os pescadores, já deixa passar né aí alguém de fora tem que pedir né, não conhece vai chegando vai entrar assim né? vai ter que pedir.

Na fala de Roseni, confirmamos a naturalização de um proprietário que decide quem pode acessar a Lagoa Feia, e que esta decisão é construída através de uma negociação para instituir confiança e ser autorizada a pescar:

O dono, se ele quiser trancar, ele pode. [...] A gente entra, assim... Só que a gente avisa, né? Antes. Primeiro, a gente... primeiro, avisa. Que aí eles já ficam sabendo que a gente entrou. E sai. Cê não chega entrando a primeira vez. [...] Tem que chamar o rapaz pra poder pedir autorização pra entrar. Eles deixam entrar, mas tem que chamar, lá é fechado.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Entregando a Deus – os ventos fortes e a fome

Analisando nossas observações em campo e as conversas com as interlocutoras, refletimos que a negociação não é somente com os homens. O pesquisador José Colaço aponta em sua etnografia a constatação de um “eixo divino”, orientador dos pontos de vista dos pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos, sobre “sua própria condição de ‘estar no mundo’” (COLAÇO, 2019, p. 239). Ponta Grossa dos Fidalgos é também uma comunidade pesqueira no entorno da Lagoa Feia, embora localizada no município de Campos dos Goytacazes, mas que apresenta um contexto pesqueiro que guarda semelhanças ao de Beira de Lagoa. O autor reflete sobre o “eixo divino” para pensar este como um dos eixos que os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos utilizam para negociar com o perigo. No caso de Colaço, o perigo descrito é principalmente o perigo do embate com os órgãos de fiscalização, mas pode ser aplicado também à relação com os perigos advindos das “condições ambientais, impostas por Deus”, como o autor descreve a partir de sua pesquisa. Em nossa pesquisa, Dona Geralda relatou suas impressões sobre as causas da morte de um pescador da comunidade:

[Foi] Por causa do vento. Aquele tempo que dá ventania que arrancou um cado de coisa aí e matou o rapaz lá de Ponta Grossa, disse que o remo caiu dentro da água, ele foi tenta, estava ele e a mulher dele pescando, ele foi tenta tirar não conseguiu, ele caiu dentro e a mulher dele deitou dentro do barco, acharam a mulher e depois acharam ele morto.

Após o relato, perguntamos então se Dona Geralda sentia medo de exercer sua atividade de pesca, ao que ela responde afirmando sua fé:

[E a senhora nunca teve medo assim dessas coisas?] Tinha medo mas entrego a Deus. [A senhora sabe nadar?] Sei não. Deus toma conta da gente, eu tô falando que aquelas marola altona, você pensa que está aqui, quando você vê tá em cima da água, você já tá voada por cima do calão, menina é muito sofrimento. [...] a vida de pescador é muito sofrida. É só Deus mesmo, tem que botar Deus na frente e acompanhar Deus, pra poder ele livrar a gente.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Peixoto e Belo (2016) analisam o grau de confiança de populações pesqueiras em diversas instituições. A área de análise dos autores corresponde aos mesmos municípios que o projeto “Mulheres na pesca” desenvolveu a pesquisa. Os resultados apresentados pelos autores apontam que a confiança de pescadores na igreja é superior a outras instituições, inclusive aquelas diretamente relacionadas à pesca, como Colônias e Associações de pescadores, ou Capitania dos Portos.

Dados de confiança sobre a igreja não são necessariamente dados de confiança em Deus, mas apontam uma direção para a compreensão da presença de Deus nos discursos relacionados aos perigos e à permanência das interlocutoras do projeto “Mulheres na pesca” na atividade pesqueira de Quissamã. É Deus que está presente nos enfrentamentos de condições ambientais adversas, assim como é Deus quem garante a boa pesca, livrando do perigo da fome e da situação de insegurança alimentar:

[Q]uando estava menstruada, sentia mas tinha de ir, ou quando chegasse o final de semana não ia ter dinheiro para comprar o arroz e o feijão as coisa pra comer em casa com os filhos, não tinha esse negócio de lengalenga não, tinha que chegar. E a ventania, você se gruda aqui na beirada do barco, senta aqui e Deus leva. E quando assim que não tinha motor tinha que ir no remo, só marcava o rumo e tinha vez que estava muito escuro e você não enxergava.

Os trechos relatados por Dona Geralda sintetizam a relação com a fé em Deus para lidar com as incertezas da atividade pesqueira, seja pelos ventos fortes e a fé no retorno seguro à sua casa, seja com a fé em uma boa pescaria, para garantir que o retorno seguro seja também com pescado para vender e alimentar os filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações apresentadas neste texto se originam nas reflexões do trabalho de uma pesquisa realizada com mulheres da atividade pesqueira artesanal. A análise de gênero, aplicada aos estudos sobre pesca, evidencia que as discussões sobre gênero em comunidades pesqueiras, ainda que, como no caso deste texto, restritas à análise sobre a participação das mulheres no universo pesqueiro, ainda se faz necessária em contextos de discussões sobre relações de poder.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Retomando as narrativas das mulheres de Quissamã que fizeram parte desta pesquisa, engrossamos o coro que afirma com evidências que mulher pesca sim, além de desenvolver outras atividades produtivas no universo pesqueiro, como diversos outros estudos sobre gênero e pesca vêm demonstrando.

Nas narrativas também foi possível perceber como os impactos sofridos pela pesca artesanal nas relações conflituosas com outras atividades econômicas afetam estas mulheres, bem como algumas formas de lidar com eles e permanecer na atividade pesqueira. Negociam com homens pescadores pelo direito de estar no mesmo espaço, tendo que arcar com violências simbólicas constantes, como o caso relatado por Tia Lu dos pescadores que urinavam próximo a ela, na intenção de intimidá-la. Negociam com os fazendeiros que se apropriam de um bem da União colocando cercas e impedindo estas mulheres nos seus direitos de ir e vir com vida, para realizarem suas atividades de pesca. Negociam com Deus para assegurar suas vidas enquanto pescam, bem como para uma garantia de segurança alimentar para sua família.

Assim permanecem na atividade pesqueira de Quissamã, num constante jogo de negociar, seja com homens, seja com Deus. Permanecem mulheres pescadores e trabalhadoras da pesca de Quissamã.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. *In*: FURTADO, Lourdes Gonçalves; LEITÃO, Wilma; FIÚZA DE MELO, Alex (Org.). **Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia**. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81

BENNET, Elizabeth. Gender, fisheries and development. **Marine Policy**, vol. 29, issue 5, p. 451-459, 2005.

CARNEIRO, Paulo Roberto Ferreira. Água e conflito na Baixada dos Goytacazes. **REGA - Revista de Gestão de Água da América Latina**, vol. 1 - n. 2, p. 87 – 100, jul/dez. 2004.

COLAÇO, José. Costume e Resistência: elementos para uma política de enfrentamento entre pescadores artesanais da região norte-fluminense. *In*: COLAÇO, José (Org.). **Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflitos e resistência de um modo de vida**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. p. 237-255.

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

CRIBB, André Yves; CRIBB, Sandra Lucia S. P. Gestão cooperativista e verticalização agroindustrial: estratégias para a agricultura familiar. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária** (Online), v. 1, p. 110-119, dez/2008.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Voluntary Guidelines for Securing Sustainable Small-Scale Fisheries in the Context of Food Security and Poverty Eradication**. Rome, 2015. Disponível em: <http://www.fao.org/3i4356en/I4356EN.pdf>. Acesso em :12 mai. 2021.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The State of World Fisheries and Aquaculture 2020. Sustainability in action**. Rome, 2020. <https://doi.org/10.4060/ca9229en>.

FUNBIO - Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, 2017. **Website** Disponível em: <http://www.funbio.org.br>. Acesso em 04 dez. 2017.

HELLEBRANDT, Luceni. O que torna as mulheres invisíveis na pesca? Reflexões a partir de pesquisa com mulheres da Colônia Z3 – Pelotas / RS. *In*: MARTINEZ, Silvia Alicia; HELLEBRANDT, Luceni. (Orgs.) **Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019. p. 267-280. Também acessível em:

https://www.mulheresnapesca.uenf.br/prod/Mulheres_na_Atividade_Pesqueira_no_Brasil.pdf.

HELLEBRANDT, Luceni. Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado. *In*: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas**, 2019a. Disponível em: <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>. Acesso em: 19 mai. 2021.

HELLEBRANDT, Luceni. Cercamento da Lagoa. *In*: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas**, 2019b. Disponível em: <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>. Acesso em: 19 mai. 2021.

HELLEBRANDT, Luceni. Apontamentos iniciais do projeto “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas”. *In*: 18th Iuaes World Congress, 2018, Florianópolis. **Conference Proceedings 18th Iuaes World Congress / Anais 18º Congresso Mundial de Antropologia**. Florianópolis, Tribo da Ilha, 2018. p. 3749-3759.

HELLEBRANDT, Luceni. **Mulheres da Z3 - o camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca**. Orientadora: Carmen Rial. 2017. 173 p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas,

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2017.

HELLEBRANDT, Luceni; RIAL, Carmen; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Pesca e Gênero: reconhecimento legal e organização das mulheres na “Colônia Z3” (Pelotas / RS - Brasil). **Vivência: revista de antropologia**. Natal, v. I, n. 47, p. 123 – 136, jan./jun. 2016.

HERCULANO, Selene. Pesca e Petróleo no Litoral Fluminense. **Revista Nordestina de Ecoturismo**, Aquidabã, v. 5, n. 1, p. 39-52, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2021.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero, Pesca e Cidadania. **Amazônica - Revista de Antropologia** [S.I.], v. 5, n. 1, p. 98-115, set. 2013. Disponível em: www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1307. Acesso em: 3 abr. 2018.

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ALVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300007/23825>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MARTINEZ, Silvia Alicia *et al.* Mapeamento e caracterização de conflitos socioambientais no Norte Fluminense e nas Baixadas Litorâneas privilegiando o olhar das trabalhadoras da pesca artesanal. In: WALTER, Tatiana *et al.* (orgs.). **Impactos na pesca**. 2021 (no prelo).

PAIVA, Melquíades Pinto. **Administração pesqueira no Brasil**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

PESCARTE **Banco de Dados**. PEA-PESCARTE Projeto de Mitigação Ambiental PETROBRAS/IBAMA/UENF, 2016.

PEIXOTO, Vitor de Moraes; BELO, Diego Carvalhar. Capital social em populações tradicionais: confiança e participação nas comunidades de pescadores artesanais da Baía de Campos dos Goytacazes. **Agenda Social**. (UENF), vol. 9, p. 190-215, 2016. Disponível em: <http://revistaagendasocial.com.br/index.php/agendasocial/article/view/242>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ROCKLIN, Delphine. State of the Art in small-scale fisheries. In: CHUENPAGDEE, R. and ROCKLIN, D. (Eds) **Small-scale fisheries of the world**. TBTI Publication Series, St John's, NL, Canada, Vol. II, 8 pages. 2016. Disponível em:

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84

http://toobigtoignore.net/wp-content/uploads/2016/07/SSFofWorld_Vol2_SOTA.pdf.
Acesso em: 28 jul. 2021.

RODRIGUES, Rejane Cristina de Araújo; LEMOS, Linovaldo Miranda. Logística e território no Brasil – os complexos portuários do norte fluminense. **Revista Geográfica de América Central**, 2[47E] Costa Rica, II Semestre 2011, p. 1-16. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2703>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SOFFIATI, Arthur. DNOS: uma instituição mítica da República Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 61, nov. 2005. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/145/129>. Acesso em: 11 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2005v7n2p61>.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. Redução do Espelho d'Água da Lagoa Feia-RJ e Mudanças nas Práticas de Pesca. In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia. UNICAMP, Campinas/SP. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Sociologia**, realizado em Campinas – SP, de 01 a 05 de setembro de 2003. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1287&Itemid=171. Acesso em 19/05/2021.

WOORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 18, 42 – 58. 1992. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/18/rbcs18_04.pdf. Acesso em: 07 nov. 2021.

Recebido em: 07/07/2021 Aprovado em: 25/08/2021
--

Pescadoras de Quissamã/RJ: entre as negociações com os homens e a fé em Deus – Luceni Hellebrandt; Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes; Silvia Alicia Martinez – p. 61-84